UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VITOR MATSUO TOYAMA PIRES

HISSAMI:
UMA RETROSPECTIVA ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS NA ARTE *DRAG* DURANTE A GRADUAÇÃO EM TEATRO.

UBERLÂNDIA
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VITOR MATSUO TOYAMA PIRES

HISSAMI:
UMA RETROSPECTIVA ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS NA ARTE *DRAG* DURANTE A GRADUAÇÃO EM TEATRO.

Memorial submetido ao curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para obtenção do grau de bacharel em Teatro.

Orientadora: Profª Dra. Mara Lucia Leal

UBERLÂNDIA
2019

Resumo: O presente trabalho, em formato de Memorial, tem o objetivo de apresentar as principais experiências e vivências que compuseram a minha trajetória acadêmica de graduação no curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com destaque para o meu projeto Hissami, *drag queen* concebida por mim e com a qual tive diversas oportunidades de trabalhar ao longo do curso. Dessa forma, são identificados elementos que explicam o processo criativo por trás do nascimento da minha *drag queen,* além da apresentação de performances que realizei em ocasiões fora dos muros acadêmicos. Somado a isto, o meu trabalho também reflete participei e que, por sua vez, me proporcionaram a ampliação do meu olhar artístico e crítico sobre a experimentação da arte *drag*, além de terem contribuído fortemente para o aprimoramento do meu trabalho. Neste caso, ressalta-se o papel que desempenhei no Manifesto Teatral: PULSE!, no Coletivo Teatro de Viés, através da personagem Solana, também uma *drag queen*.
Palavras-Chave: Drag queen; Hissami; Solana; Teatro.

Abstract: The present work, in a memorial format, aims to present the main experiences that made up my undergraduate academic career in my Theater studies at Universidade Federal de Uberlândia (UFU), with emphasis on my project Hissami, *drag queen* conceived by me and with which I had some opportunities to work along the career. In this way, the elements that explain the process behind the birth of my *drag queen* are identified, as well as the presentation of performances that I performed some times outside the academic walls. In addition to this, my work also highligh other projects I participated in and that, in turn, provided me the enlargement of my artistic and critical view on the experimentation of *drag art*, besides contributing greatly to the improvement of my work. In this case, I emphasize the role I played in the Manifesto Teatral: PULSE!, in the Coletivo Teatró de Viés, through the character Solana, also a *drag queen*.
Key-words: Drag queen; Hissami; Solana; Theater.

Sumário

1. A PRIMEIRA TENTATIVA 5

2. MANIFESTO TEATRAL PULSE!..... 7

3. NASCIMENTO DE HISSAMI..... 14

4. EXPANDINDO HORIZONTES 25

5. FESTA FEJÃO 35

6. BAILE DAS QUEENS 39

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

8. LINKS 50

9. REFERÊNCIAS 51

1. A PRIMEIRA TENTATIVA

No final do ensino médio, em 2013, eu estava decidido a prestar vestibular para o curso de Medicina. Com isso em mente, assim que eu encerrei o meu ciclo escolar, eu me matriculei em um cursinho preparatório, onde passei um ano e meio estudando para o curso da área médica.

Em 2014, nas férias de julho, fiz um curso com a duração de três semanas na Escola de Atores Wolf Maya, em São Paulo, onde tive contato com o teatro, teatro musical e atuação para TV. Ao final deste curso, fiquei interessado em aprofundar o estudo na arte teatral. Então, quando voltei para Uberlândia mudei radicalmente o foco de medicina para teatro.

No ano de 2015, me inscrevi para a prova de habilidade específica de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que era exigida na época para que estivesse apto a ingressar no curso e, felizmente, fui aprovado. Em seguida, prestei o vestibular da mesma instituição para teatro e fui aprovado. E logo no meu primeiro semestre eu vi a possibilidade de experimentar a arte drag, que vinha me chamando a atenção há um tempo a partir do reality show norte-americano *Rupaul's Drag Race*.[1]

Dentro da componente curricular Improvisação I, no primeiro semestre do curso, lembro-me que o professor Eduardo de Paula pediu para a turma sugerir um tema para criarmos uma estrutura de improvisação com o intuito de compartilhar na semana de encerramento do curso de Teatro. Como tema, eu particularmente sugeri trabalharmos algo que envolvesse *drag queens*. Então, criamos uma estrutura de improvisação que partia de uma briga de duas *drags* rivais em um bar, mas acabou não funcionando e, em um consentimento da turma, não apresentamos.

Ainda assim, mesmo que o trabalho não tenho ido para frente, considero importante mencioná-lo, porque foi a primeira vez que tive a oportunidade de me montar. Foi o meu primeiro investimento, quando comprei a minha primeira base, o meu primeiro delineador e a minha primeira peruca - mesmo que de baixa qualidade.

---

[1] Reality show norte-americano apresentado pela drag queen RuPaul, onde ela escolhe a drag que receberá o prêmio e o título de America's Next Drag Superstar, a partir dos seguintes critérios: carisma, singularidade, coragem e talento.

Durante este processo, lembro-me que a única coisa com a qual eu tive facilidade foi usar o delineador, pois havia comprado no dia anterior ao dia em que tirei as fotos e a vendedora da loja me ensinou como manuseá-lo. Por outro lado, o que tive mais dificuldade foi tampar a minha sobrancelha (que nem estão bem cobertas) e desenhar uma nova.

Pelas fotos abaixo (Figuras 1 e 2), é possível ver o resultado da minha primeira tentativa de me maquiar. Havia assistido apenas alguns tutorias na plataforma *YouTube*, mas o resultado não foi satisfatório. Ainda assim, não deixei de tentar e achei importante registrar, pois é uma forma de mostrar e representar a evolução da minha maquiagem em comparação com as que viriam a ser feitas em momentos posteriores.

Figuras 1 e 2 - A primeira vez montado.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

2. MANIFESTO TEATRAL PULSE!

Após a tentativa frustrada de me montar no primeiro período, a próxima oportunidade que surgiu para eu experimentar a arte *drag* foi no meu terceiro período de graduação. E desta vez aconteceu. Em 2017, dentro da componente curricular Interpretação/Atuação III, ocorreu a montagem do espetáculo “Manifesto Teatral PULSE!”, escrito e dirigido por Rafael Lorran, o professor da turma na época. O texto abordava questões relativas à homofobia e às suas faces de violência, baseando-se no terrível massacre que havia ocorrido na boate gay Pulse, em Orlando, no ano anterior, isto é, em 2016.

Quando li o texto pela primeira vez, logo me interessei pela personagem Solana, que era a *drag queen* do espetáculo e tinha descedência latina. Desde o início, estava claro que seria preciso andar de salto alto e dançar bastante, o que eu não sabia fazer muito bem e na minha turma havia pessoas que fazia isso melhor que eu.

Ainda me lembro da aula em que as personagens foram distribuídas. O professor perguntou: “Quem quer fazer a Solana levanta a mão.” Eu rapidamente levantei a mão e abaixei a cabeça, com medo de outra pessoa também levantar. Mas pra minha sorte, eu fui o único a levantar a mão.

Foi então que mergulhei no processo de criação da personagem, que para além de uma personagem, era uma *drag queen*. As minhas primeiras providências foram investir em uma peruca de melhor qualidade e em mais produtos de maquiagens. Além disso, era claro que eu precisava aprimorar a minha habilidade para maquiar. Para isso, busquei assistir vários vídeos tutoriais de maquiagem na plataforma *YouTube*, mais especificamente os seguintes canais da plataforma: Drag-se, canal brasileiro estrelado por *drag queens* que, para além dos tutoriais de maquiagem, também produz outros tipos de conteúdos, como documentários acompanhando o dia a de uma *drag queen*, perfomances musicais e entrevistas com artistas do país; Lucy Garland, canal da jovem australiana, que leva o seu nome, onde publica vídeos tutoriais de maquiagens, em sua maioria inspirados em *drag queens*; e onlinekyne, canal da artista *drag* canadense Kyne que, além de publicar vídeo tutoriais de maquiagem, também publica tutoriais de penteados em peruca e customização de figurinos(acesso 10 de maio). Porém, só assistir aos vídeos não

me parecia suficiente, eu precisava treinar em meu próprio rosto e descobrir uma maquiagem para a personagem que eu iria interpretar.

A solução que encontrei, além de ficar testando no meu quarto, foi chegar com antecedência nos dias de ensaio e me maquiar no camarim do curso de Teatro. O que foi bastante positivo, porque além de possibilitar o aprimoramento da minha habilidade com a maquiagem, me ajudou na construção da personagem, uma vez que eu já ia para o ensaio maquiado e, junto com o diretor Rafael Lorran, fazia experimentações para ver o que funcionava e o que não funcionava na construção da Solana. Em anexo abaixo, algumas fotos de testes feitos durante o semestre, podendo perceber a diferença para com a primeira montação, em 2015.

Figura 3 – Um dos primeiros testes de maquiagem para Solana.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 4 - Teste de maquiagem no camarim do curso de Teatro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 5 – Teste de maquiagem com a peruca em dia de ensaio.

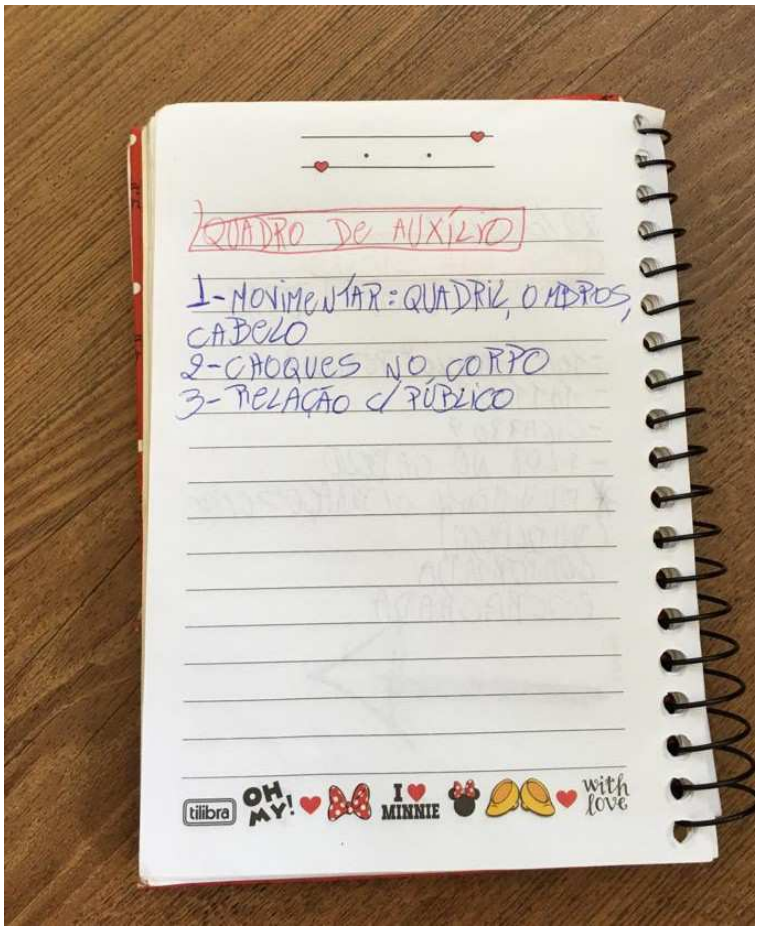


Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Enquanto a maquiagem foi o ponto em que tive mais facilidade para desenvolver na personagem, descobrir a corporeidade foi onde eu encontrei maior dificuldade. O diretor queria uma *drag queen* com movimentos rápidos e explosivos, enquanto meus registros de movimentos eram lentos e mais desenhados.

Com o passar do tempo, percebi que os ensaios não estavam sendo suficientes para eu chegar onde era necessário, então entrei em contato com a coreógrafa do curso de Teatro, Nina Tannús, que nos acompanhou durante a montagem do espetáculo, para me auxiliar em um horário extra-classe. Então, passei a ter encontros todas as terças-feiras com a duração de uma hora, onde desenvolvemos juntos um quadro de auxílio (Figura 6) para me ajudar a construir a coreografia para a minha dublagem na minha cena do espetáculo. Além desses encontros e dos ensaios nos horários da disciplina, sempre que eu achava um tempo livre treinava a coreografia com o salto alto.

Figura 6 – Quadro de auxílio desenvolvido junto com a Nina.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

As apresentações do “Manifesto Teatral Pulse!” ocorreram no final daquele semestre, em julho de 2017, na semana de encerramento do curso de Teatro. Nossa turma fez quatro apresentações em dois dias, com duas sessões em cada um. Ainda lembro o quanto estava nervoso para a primeira sessão, pois seria o primeiro contato com o público depois de um semestre trabalhando no espetáculo e na personagem. Mesmo com todo nervosismo, acredito que conseguimos fazer uma boa apresentação. E nunca vou me esquecer deste dia, pois foi quando eu pude experienciar *drag* pela primeira vez nos palcos.

Figura 7 – Registro durante a primeira apresentação.



Fonte: Foto registrada por Luiz Henrique Coutinho, 2017.

Cumprida a carga horária da componente curricular, nossa turma decidiu, junto com o professor Rafael Lorran, continuar com o trabalho, pois vimos bastante potencial. Além disso, a receptividade do público nas quatro apresentações durante a semana de encerramento do curso tinha sido positiva. Então, criamos o Coletivo Teatro de Viés com o intuito de circular com o espetáculo “Manifesto Teatral Pulse!”.

Naquele ano, fomos convidados pela Secretaria Municipal de Cultura da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para participarmos do evento “Outubro da Diversidade”, que iria ocorrer na capital carioca no mês de Outubro. Na ocasião, iríamos apresentar, enquanto coletivo, duas apresentações do nosso espetáculo. Para conseguir viajar, arrecadamos dinheiro a partir de uma rifa que fizemos, um método de doação online (Vakinha Online), apresentações realizadas em Uberlândia e um patrocínio da boate Clube Belgrano, de Uberlândia.

Sobre essa viagem, gostaria de destacar duas experiências: uma positiva e uma negativa. A positiva aconteceu no primeiro dia de apresentação no dia 04 de Outubro, no camarim da Sala Baden Powell, local da apresentação, onde tive o

enorme prazer de conhecer Silvetty Montilla, que na ocasião foi convidada para apresentar o evento e Jane Di Castro, convidada para prestar homenagem a cantora Rogéria – que veio a falecer no mês de Setembro daquele ano, símbolos da cena LGBTQ no Brasil. Ter a oportunidade de ver Silvetty Montilla se maquiando e ouvir histórias de Jane Di Caro foi um momento incrível em minha trajetória.

Figura 8 – Foto com Jane Di Castro (à esquerda) e Silvetty Montilla (à direita).



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A experiência negativa ocorreu no Teatro Gonzaguinha, no dia 05 de Outubro, onde realizamos a segunda apresentação. No momento da entrada da Solana, minha personagem, foi possível ver que algumas pessoas levantaram e saíram da sala durante a apresentação, pois se sentiram incomodadas. Tentei relevar e seguir com o meu trabalho, mas este fato ficou marcado de forma negativa, pois pela primeira vez vi a imagem da *drag* incomodar.

Quando voltamos para Uberlândia, já tínhamos uma apresentação bem próxima, no dia 11 de Outubro, a ser realizada no 5° Festival Nacional de Teatro de Araguari (FESTA). Talvez tenha sido uma das apresentações mais marcantes para mim e para o coletivo, pois se tratava de um festival competitivo e, na ocasião, levei particularmente o prêmio de melhor ator coadjuvante pelo meu trabalho com a personagem Solana. Ademais, enquanto grupo, levamos os seguintes prêmios:

melhor espetáculo, melhor atriz coadjuvante, melhor direção e melhor sonoplastia. Receber este tipo de reconhecimento quanto ao nosso trabalho foi um grande incentivo para continuarmos a circular com o espetáculo adiante.

Encerramos o ano de 2017 com uma apresentação no Teatro Municipal de Uberlândia, no dia 27 de Novembro, onde fomos selecionados no edital do projeto Boca de Cena, uma iniciativa da Secreta de Cultura de Uberlândia, com o objetivo de incentivar o trabalho de grupos artísticos da cidade de Uberlândia. A apresentação ocorreu numa segunda-feira, e por este motivo estávamos apreensivos se teria público ou não. Mas felizmente, tivemos cerca de 300 espectadores em uma segunda-feira chuvosa dispostos ao encontro com o espetáculo.

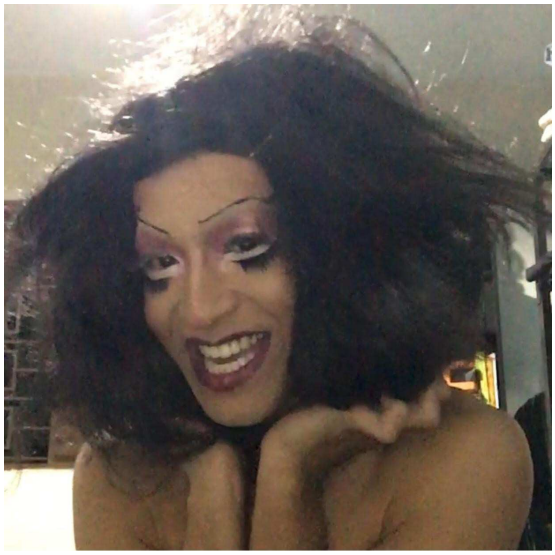
3. NASCIMENTO DE HISSAMI

No início de 2018, em Fevereiro, eu comecei a me questionar sobre ter a minha própria *drag*. Viver o processo de criação e levar para os palcos a *drag queen* Solana foi uma trajetória repleta de aprendizados e momentos marcantes, mas foi uma construção de uma personagem exclusivamente para o espetáculo. Pensando nisso, em um domingo decidi fazer uma maquiagem à mão livre, em busca de algo que eu me identificasse. Não que eu não me identificasse com o trabalho que eu fiz com a personagem Solana, acredito que sem ele esse dia não chegaria.

Então, eu me maquiei e acabei gostando do resultado e decidi tirar algumas fotos, em anexo abaixo, e gravei alguns vídeos[2] dublando músicas e postei em um perfil na rede social *Instagram,* que, a partir de então, veio a se tornar o meio de compartilhar o material da minha *drag* virtualmente e de forma pública.

[2] Disponíveis em: <http://bit.ly/2VBgBjr> e <http://bit.ly/2Q4nxj2>.

Figuras 9 e 10 – Resultado da maquiagem a mão livre.





Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Buscando uma segunda opinião sobre os materiais que eu havia produzido até então, eu decidi compartilhar as fotos e os vídeos com o Rafael Lorran, que havia sido o diretor e escritor do “Manifesto Teatral Pulse!” e que esteve junto comigo no processo de criação da *drag queen* Solana. Justamente por estas razões ele foi a pessoa que escolhi para compartilhar os materiais que eu havia concebido até aquele momento. Eu recebi sua resposta em forma de uma carta, o que me deixou bastante surpreso. Deixarei transcrito alguns trechos abaixo:

“Oi Vitor Matsuo!

(...)

Bom, você sabe que não sou especialista no universo *drag*. Rs. Até mesmo por isso quando você assume a Solana no espetáculo que estava sobre minha responsabilidade de direção, fiquei não só feliz como tranquilo. Tranquilo porque eu sabia que alguém muito mais “afim” do universo drag estava a frente disso. Sei que você gosta, pesquisa, observa, acompanha e pratica as facetas que compõem esse campo artístico que é a transformação *drag queen*. Solana estava em boas mãos.

(...)

O que vi em seus vídeos? Vi o nascimento da sua *drag*. Tenho certeza de que aquelas imagens não estão enganadas, elas possuem a raiz profunda de tudo que eu conheço (até agora) sobre você, e de tudo o que eu penso compor uma *drag* verdadeira para o Matsuo que eu conheci. O que vi em seus vídeos? Vi o nascimento da sua *drag*. Tenho certeza de que aquelas imagens não estão enganadas, elas traduzem você, elas dizem mais de você, elas dizem tanto de você, elas dizem tanto de você,

elas dizem tanto de você, elas dizem tantas coisas sobre você: que você mesmo não daria conta de dizer, por isso é necessária uma *drag*.

(...)

ENFIM.... MATSUO, não sei o que fiz quando escrevi esse monte de coisas... Espero que de algum modo elas tenham tocado você como me tocou poder fazer parte desse seu momento tão importante. Não deixe essa explosão criativa acabar num suspiro leve. Dê a você a oportunidade de se redimir através de sua *drag*. Seu sentimentos são genuínos, ela será também. Saiba que sempre poderá contar comigo. Eu espero ser atualizado das novas investidas de sua drag. E óbvio, eu não poderia terminar essa carta sem perguntar o que está me apertando desde o início:

Ela já tem Nome?

Um abraço sincero e amigo!

Rafael Lorran

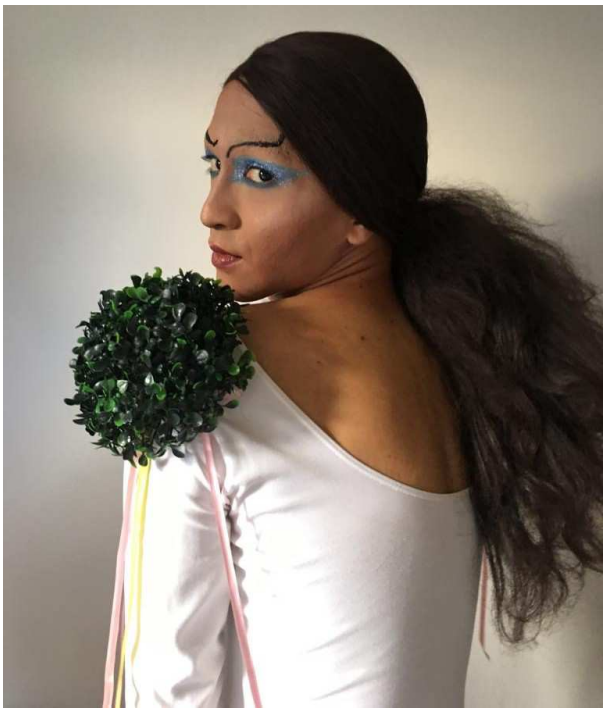
06/02/2018"

Na época, a pergunta final sobre o nome da minha *drag* me pegou de surpresa, pois foi algo que eu não havia pensado e eu só fui decidir sobre isso um tempo depois, quando já me montava. Receber esta carta foi um grande presente e realmente me tocou e serviu como um incentivo a mais para continuar a pesquisa que havia iniciado. Como era Fevereiro e o carnaval estava próximo, aproveitei a data para explorar o acontecimento da minha própria *drag*.

Eu me montei em quatro dias de carnaval, cujas fotos em anexo abaixo. As roupas que usei foram customizadas por mim de forma improvisada, usando uma pistola de cola quente. Nas festas, muitas pessoas perguntavam o nome da minha *drag*, lembro que eu respondia "Ainda não fui batizada!", porque na época eu não tinha ideia sobre qual o nome eu iria colocar, pois estava tudo muito no início.

Mas o que eu experienciei durante estes quatro dias me levou a querer a explorar mais o acontecimento da minha *drag*. E o carnaval, sem dúvidas, facilitou tudo, porque junto a mim havia várias pessoas fantasiadas, então eu não me senti tão inseguro por estar montado nas festas.

Figura 11 – Primeiro dia de carnaval que me montei (08/02/2018).



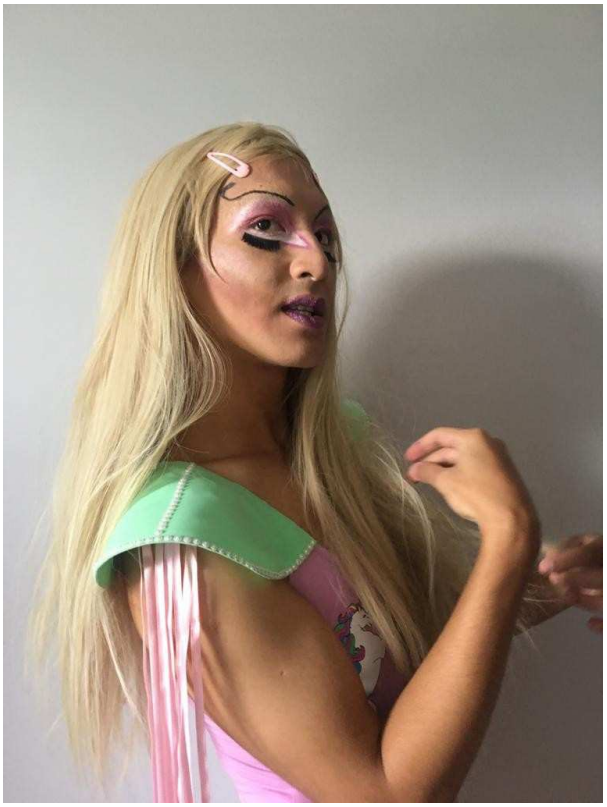
Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 12 – Segundo dia de Carnaval que me montei (09/02/2018).



Fonte:Arquivo pessoal, 2018.

Figura 13 – Terceiro dia de Carnaval que me montei (10/02/2018).



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 14 – Quarto dia de Carnaval que me montei (12/02/2018).

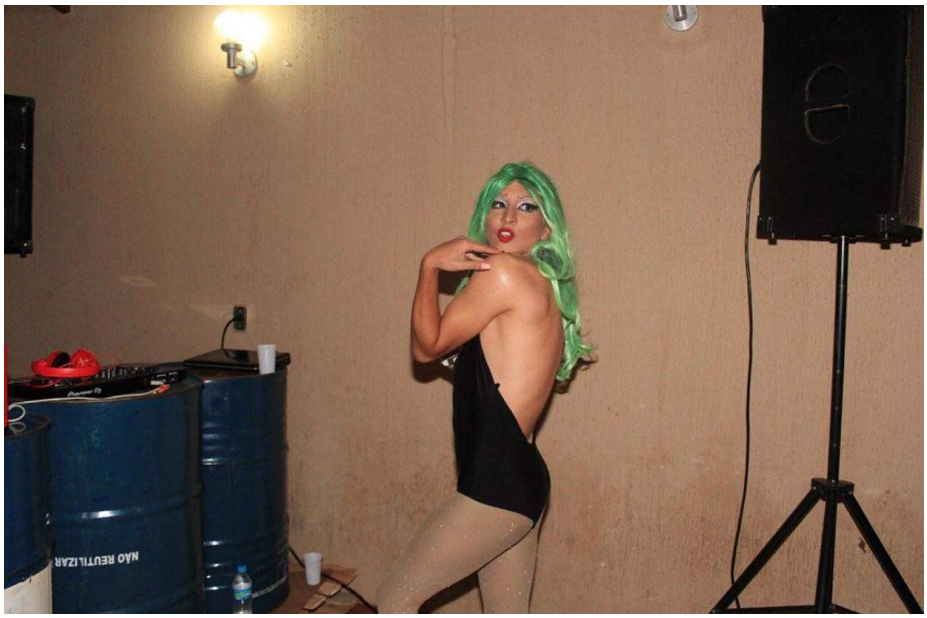


Fonte: Registro feito por Leonardo Costa, 2018.

No mês seguinte, em Março, recebi o convite para apresentar no dia 18 do mesmo mês. A ocasião seria a quinta edição da festa “Fiz Artes e Agora?”, que é organizada pela Atlética das Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e é

voltada para a recepção de novos ingressantes dos cursos de Artes Visuais, Arquitetura e Urbanismo, Dança, Design, Música e Teatro. Eu aceitei o convite e preparei uma performance com a música *Mary Jane Holland*, da cantora estadunidense Lady Gaga. Foi uma grande oportunidade e fiquei muito grato pelo convite, porém acredito que o espaço não era apropriado para uma performance[3], pois o chão estava escorregadio e em um certo momento da apresentação, acabei escorregando.

Figura 15 – Registro durante a perfomance na festa "Fiz Artes e Agora?"



Fonte: Foto registrada por Renata A. Silva, 2018.

Na graduação, estava iniciando o meu sexto semestre e, felizmente, pude continuar a pesquisar a minha *drag* ainda mais, a ponto de se tornar o objeto de pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Teatro. Dessa forma, no sexto semestre, quatro das cinco componentes curriculares presentes na minha grade horária foram essenciais para a minha pesquisa, sendo elas: Caracterização, Interpretação/Atuação V, Metodologia de Pesquisa e Pesquisa em Artes Cênicas.

A componente curricular Caracterização, ministrada pelo professor Lucas Larcher, foi desenvolvida a partir de estudos acerca da caracterização teatral, realizando atividades em ateliês de experimentação, de modo que a cada semana

[3] Vídeo disponível em: <http://bit.ly/2w8HxrJ>.

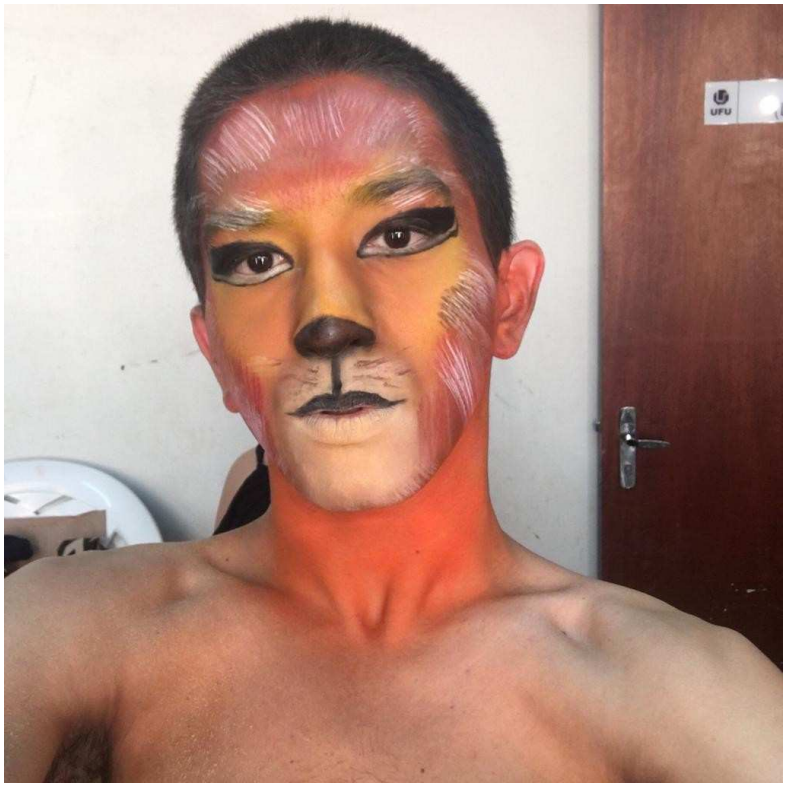
trabalhávamos à luz de um tema diferente. A componente curricular em questão, assim como Interpretação/Atuação V, também teve um importante papel em minha pesquisa, pois foi capaz de me mostrar novas possibilidades as quais posso seguir no que se diz respeito à maquiagem da minha *drag*. Especificamente, houve três aulas a partir das quais os aprendizados foram mais proveitosos e contribuíram de maneira mais rica para mim, sendo elas: Princípios para maquiagens clownescas; Princípios para a maquiagem de animais; e, claro, Princípios para a maquiagem de *drag queen*. Os resultados dessas aulas deixo em anexo abaixo nas figuras

Figura 16- Registro da aula: princípios para a maquiagem de *drag queen*.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 17 - Registro da aula: princípios para maquiagens de animais.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 18 – Registro da aula: princípios para maquiagens clownescas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Por fim, em Interpretação/Atuação V, ministrada pela professora Mara Leal, a proposta de trabalho para o semestre foi uma experiência de investigação da cena contemporânea de atuação, com trabalhos que permeiam o teatro e a performance. Foi nesta componente curricular que descobri que a *drag queen* se encaixa na performance de gênero, haja vista que a *drag queen* caracteriza-se pela construção do exagero de atos e gestos do universo feminino.

Sendo assim, na componente curricular em questão, cada estudante escolheu apresentar o trabalho de algum *performer* e depois, seguindo um cronograma, iríamos realizar performances a partir do desejo pessoal de cada um. Eu escolhi apresentar para a turma o trabalho da *drag queen* estadunidense Sasha Velour[4] que se caracteriza como uma *drag* careca em homenagem à mãe, que perdeu o cabelo durante o tratamento de um câncer.

Dentro do cronograma de performances estabelecido pela professora e os alunos da turma, a minha apresentação aconteceu no primeiro dia. Infelizmente não teve registro de vídeo na ocasião, apenas fotos (Figuras 19 e 20). Eu escolhi dublar a música *Brain*, da cantora norte-americana Banks. Como figurino, eu usei uma calça confeccionada pelo meu irmão Murilo Tadashi, que é formado em Design de Moda pelo Istituto Europeo di Design (IED). No dia, eu estava muito nervoso em relação à dublagem da música, mas, ao mesmo tempo, eu estava contente por estar levando para dentro da sala de aula a investigação que eu havia iniciado em meu próprio quarto. Além disso, a ocasião permitiu que eu unisse a apresentação que eu havia preparado com o trabalho que o meu irmão havia concebido mediante o elemento que compunha o meu vestuário, isto é, a calça confeccionada por ele.

No final do semestre, com o intuito de compartilhar o que foi estudado na componente curricular na semana de encerramento do curso de Teatro, a turma reuniu as propostas de cada aluno e montamos um esquema de apresentação das performances. Para esta data, eu tive espaço para criar mais uma performance e fiz a escolha de misturar a performance *drag* com o tecido acrobático, técnica da arte circense que aprendi a partir da componente curricular optativa Tópicos Especiais em Técnicas Artísticas, ofertada no curso de Teatro no meu segundo período de graduação. O desejo de unir as duas artes era algo que eu já havia pensado antes, porém demandava um espaço adequado para a instalação do tecido.

---

[4] Disponível em: <https://www.sashavelour.com>.

E como na sala onde a apresentação iria acontecer era possível fazer a instalação do aparelho, tomei a decisão de criar uma performance no tecido acrobático, revisitando movimentos que aprendi quando fiz a componente curricular optativa. Mas no dia da apresentação (Figuras 21 e 22), não consegui realizar por completo a sequência de movimentos que eu criei. Mesmo com os ensaios, havia tempo que eu não tinha contato as aulas de circo, onde os exercícios de esforço e resistência são de extrema importância. Apesar de tudo, foi uma ótima experiência para experimentar a união das duas artes e perceber o quão importante é a preparação física para este tipo de performance. Atualmente, retornei às aulas de circo e no futuro pretendo realizar uma outra performance no tecido acrobático.

Figuras 19 e 20 – Registros feitos durante a performance em sala de aula.



Fonte: Fotos registradas por Ana Vitória Nogueira, 2018.

Figuras 21 e 22 – Registros feitos durantes a apresentação no final do semestre.



Fonte: Fotos registradas por Italo Pitemalgo, 2018.

Por fim, as componentes curriculares Pesquisa em Artes Cênicas e Metodologia foram ministradas simultaneamente pela professora Mara Leal, em que o objetivo final das disciplinas era a escrita do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Foi durante as aulas dessas componentes em que eu pude ter contato com outros pesquisadores da arte *drag*.

Durante o semestre, nos foi solicitado que fizéssemos fichamentos de artigos ou livros de nossa escolha que se relacionassem à nossa pesquisa, com o intuito de conhecermos linhas de pesquisa existentes em nosso país. Como o meu interesse desde já pautava-se na arte *drag*, fui apresentado ao incrível trabalho intitulado "Fervendo com as *drags*: corporalidades e performances de *drag queens* em territórios gays da Ilha de Santa Catarina", da antropóloga Ana Paula Vencanto. Neste trabalho, a autora traz à discussão elementos relativos à corporalidade e à performance de *drag queens* que ela mesma acompanhou e analisou a partir da observação e de conversas. A leitura da obra de Vencanto foi muito importante para a concepção deste presente trabalho, pois entre tantas outras ricas contribuições, me mostrou como é particular e pessoal os caminhos que cada artista *drag* pode seguir. Trata-se de uma trajetória bastante pessoal, cujas direções dependem da percepção que cada um tem daquilo que lhe parece ser o mais adequado (o que quer que esse conceito possa significar e implicar). Os caminhos traçados dentro do universo *drag* podem ser, e assim o são, portanto, bastante diversos e ramificados, a depender da preferência e escolha do próprio artista. Desse modo, existem várias possibilidades de escolha, ao passo que o artista pode ser guiado seja viés das performances corporais, seja pela dublagem de músicas, seja por performances verbais, ou ainda por números de comédias.

Outra contribuição bastante útil extraída do contato com o trabalho de Vencanto se refere aos relatos de outras *drags* que a autora traz sobre o processo de escolha do nome de suas *drags*. Na verdade, este é um elemento muito importante, pois o nome de *drag* pode possuir referências bastante pessoais do artista que o concebeu, sendo resultado de uma escolha um tanto quanto única, que busca, ao fim e ao cabo, ser a representação da *drag* em sua própria essência. A partir disso, posso dizer que a leitura do trabalho de Vencanto me trouxeram à tona um conjunto de reflexões acerca deste tema. Iniciou-se um processo pelo qual eu comecei a (re)pensar e, por fim, compreender de maneira mais clara as influências não apenas para o nome da minha *drag*, mas para a sua construção e tudo o que

nela está envolvido. Percebi, sobretudo, que a minha maior inspiração é a minha mãe, Emília. Foi então que eu finalmente decidi batizar a minha drag pelo nome Hissami, que é o segundo nome da minha mãe, Emília Hissami. Com isso, reforço o fato de que o processo para a escolha do nome da minha *drag* não consiste em uma mera escolha, vazia de significado. Pelo contrário, trata-se de uma decisão bastante importante na construção da personagem *drag* que um artista concebe, que representa todo um conjunto de referências, pensamentos, ideias e experiências. Estas últimas, por sua vez, marcadas pelas pessoalidades íntimas que cada artista possui, em todas as suas formas.

A partir do material citado acima e das aulas destas componentes, eu vi a possibilidade de tornar a minha *drag* o objeto de pesquisa para do meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. Foi quando eu decidi qual seria o título desta pesquisa e que este memorial seria escrito a partir das experiências em que eu tive a oportunidade de incluir o trabalho da minha *drag queen*. Como no final do semestre deveríamos apresentar o projeto para a turma, a melhor forma que eu encontrei de apresentar o resultado do meu trabalho foi me montando e dublando[5] a música *Upside Down*, da cantora britânica Paloma Faith.

4. EXPANDINDO HORIZONTES

O segundo semestre de 2018 serviu como extensão do conjunto de conhecimento e aprendizados que adquiri no semestre anterior. Como já estava caminhando para o final do curso e já havia decidido como seria o meu TCC, busquei investigar a minha *drag queen* ao máximo, na intenção de buscar material para a construção do presente memorial.

Em agosto, fui convidado pelo Diretório Acadêmico Grande Otelo, do curso de Teatro da UFU, para performar[6] na festa de recepção do semestre que estava se iniciando. Pela primeira vez, seria necessário que eu encaixasse a minha performance dentro de um tema específico, pois a festa teria como tema os anos 1980. Em relação ao figurino, eu não tinha muitos adereços que remetessem à época, mas tentei me aproximar ao máximo. Quanto à escolha de música para a dublagem, me atentei em escolher uma música que remetia ao período oitentista, e

---

[5] Vídeo disponível em: <http://bit.ly/2wiJthr>.

[6] Pequeno trecho da performance disponível em: <http://bit.ly/2JSEpIm>.

a canção escolhida foi *Tell It To My Heart*, gravação do ano de 1987 da cantora estadunidense Taylor Dayne.

Figura 23 – Registro feito durante a festa no dia 15 de Agosto.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

No mês seguinte, mais especificamente no dia 22 de Setembro, junto com o Coletivo Teatro de Viés, apresentamos o “Manifesto Teatral Pulse!” na cidade de Montes Claros, no I Encontro de Arte, Gênero e Resistência, uma realização conjunta do nosso coletivo com o Grupo de Extensão InSerto, vinculado a Universidade Estadual de Montes Claro (Unimontes) e coordenado pelo professor Rafael Baioni. Além da oportunidade de ter apresentado o espetáculo na cidade, no dia seguinte tivemos um almoço com os integrantes do grupo InSerto, em que eu encontrei oportunidade para enriquecer a minha pesquisa.

Como alguns dos membros também faziam pesquisam em torno dos temas relativos a gênero e arte, conversamos sobre o trabalho que a antropóloga Ana Paula Vencato desenvolveu com *drag queens* da ilha de Santa Catarina (citado aqui anteriormente). Ademais, tive contato com outros escritos acadêmicos que versam sobre a arte *drag* e dos quais, até então, eu não tinha conhecimento. Como por exemplo, o trabalho intitulado “Nascemos Pelados e o Resto é Drag: Subversões de Gênero a Partir de Rupaul’s Drag Race”, que consiste em uma monografia escrita por Marco Antônio Galindo de Oliveira e que o autor lança um olhar a partir do

encontro da teoria *queer* e o reality show RuPaul's Drag Race. Mesmo que seja um trabalho voltado para a área de Comunicação Social, com foco no reality show norte-americano Rupaul's Drag Race, Galindo de Oliveira realiza uma interessante discussão no que se diz respeito à construção de uma *drag queen*.

Outro ponto que foi importante para a minha pesquisa a partir da leitura do trabalho do autor está associado ao arcabouço histórico da cena *drag* que Galindo realiza quando ele se utiliza de Louro (2013, p. 89) para nos mostrar o caráter sintético da *drag queen* como forma de subversão da noção de feminilidade a partir da exaltação dos traços que compõem essa caracterização, demonstrando, assim, a sua não naturalidade. Além disso, fica claro como "a história está repleta de casos de homens que usam indumentárias femininas, especialmente nas artes cênicas" (AMANAJÁS, 2014, p. 5). Tais autores ressalvam que os primeiros indícios desse fenômeno remontam à Antiguidade, quando foram registrados ainda na Grécia Antiga, em que os papeis femininos eram interpretados exclusivamente por atores do sexo masculino. Para isso, utilizavam dispositivos diversos na composição de seus personagens, como por exemplo, máscaras, figurinos e enchimentos.

Embora o objetivo principal deste trabalho não seja realizar uma leitura histórica acerca do nascimento da arte *drag*, que, por sua vez, está paralela à história do teatro, cabe ressaltar a importância de que seja feita a sua devida consideração, pois ela nos permite uma compreensão mais clara e bem fundada acerca da arte dos atores performistas e do seu percurso histórico. Além disso, nos permite perceber que o desenvolvimento do artista *drag* e a linguagem cênica que ele muitas vezes possui está diretamente associado a fatores históricos, sociais, políticos e religiosos vigentes à época em que ele ocorreu e ainda se encontra nos dias atuais. A isso se atribui o caráter híbrido e orgânico que esta arte possui desde a sua estética até o conteúdo do seu discurso, que se tornou capaz de levantar questões e desequilibrar a ordem social vigente como um verdadeiro artista vivo mediante expressividades, muitas vezes, em forma de protesto aos valores tradicionais e conservadores do *mainstream*.

Dessa forma, Baker (1994 apud AMANAJÁS, 2014, p. 5) explica que, no começo, as *drag queens* se apresentavam de acordo com duas funções distintas:

> A primeira é a característica secular, ou seja, aquela *drag* que se manifesta em rituais de forma pagã, exercendo a função satírica de blasfemar e dar voz ao indizível perante a sociedade, a personagem que muito se assemelha ao bufão. A outra forma diz respeito a sua

> característica sagrada, aquela que teria a responsabilidade de viver as personagens trágicas na Grécia, que pertenceriam a uma narrativa.

Após o advento do catolicismo e a realização de encenações sacras, por parte da Igreja, que transmitissem os ensinamentos religiosos, as artes cênicas, de modo geral, entraram em um período de estagnação, que atravessou a Idade Média até o século XVI. Conforme Oliveira (2016) elucubra, foi nessa época que o teatro Elizabetano, sob a figura de dramaturgos como William Shakespeare, recolocou a *drag queen* em evidência nos palcos: os personagens femininos escritos por ele "eram interpretados por jovens adolescentes homens – meninos entre dez e treze anos" (AMANAJÁS, 2014, p. 9).

> Especula-se também que Shakespeare, ao conceber suas personagens femininas, ao rodapé da página em que descrevia tal papel, marcava-o com a sigla DRAG, *dressed as girl* (vestido como menina, em tradução livre), para sinalizar que aquela personagem seria interpretada por um homem (AMANAJÁS, 2014, p. 10).

Concomitante ao que ocorria no Ocidente, também verificou-se a ocorrência de performances teatrais drag no Oriente, em países como a China, Índia, Japão e Tailândia. Segundo Oliveira, pode-se perceber no Japão uma maior intensidade do transformismo dentro dos palcos, como constatou em manifestações cênicas tradicionais como o *Kabuki*, o *Kyogen* e o Nô, exclusivas, à época, para praticantes do gênero masculino. Berthold (2004, p. 84 apud AMANAJÁS, 2014, p. 7) explica que "os japoneses não veem nada de estranho no fato de um homem expressar os sentimentos de uma mulher, sua felicidade ou desespero".

Tais fenômenos nos mostram que, grosso modo, não havia naquele tempo qualquer relação entre a personificação de uma mulher e uma identidade sexual desviante da norma (ZERVIGON, 2004, p. 89, tradução nossa apud OLIVEIRA, 2016, p. 22). Não obstante, esse quadro começou a se modificar em 1674, quando o rei inglês Carlos II concedeu permissão às mulheres para atuarem nos palcos, o que, conforme Baker (1994 apud AMANAJÁS, 2014, p. 11), ocorreu em função de uma irritação do monarca "em presenciar homens adultos em trajes femininos ao invés de belas damas". Dessa forma, tal como Oliveira (2016) assevera, os atores *drag* coexistiram com as atrizes no teatro por algum tempo, até que sua função tornou-se obsoleta. Após anos de esquecimento, as *drag queens* reapareceram no

século XVIII, dessa vez personificadas na imagem dos *crossdressers,* conceituados por Amanajás (2014, p. 11) como:

> Homens vestidos de mulher em suas mais luxuosas roupas da moda (aqui inicia-se a concepção da vestimenta como moda nos parâmetros dos dias de hoje, pois, na era Elizabetana, o código de vestimenta era relacionado ao status social e ao gênero) passeavam pelas ruas da França, Itália e Inglaterra e, pela primeira vez, a *drag queen* começou a se relacionar com que é o homem homossexual.

Entretanto, após se ausentarem uma vez mais dos palcos por um período relativamente curto de tempo, retornaram novamente à cena na passagem do século XIX para o século XX sob a figura da dama pantomímica (AMANAJÁS, 2014, p. 13). A figura da dama pantomímica seria, como Amanajás (2014, p. 13) elucida, "uma personagem que despertava ao mesmo tempo a identificação do público a respeito de temas cotidianos, bem como o distanciamento por conta do aspecto "grotesco e exagerado" do ator, algo característico da performance parodística".

> A *drag* propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia (LOURO, 2013, p. 87-88).

No final da primeira metade do século XX, a dama pantomímica perdurou como uma performance artística "respeitada e aceita, personagem que todo o comediante eventualmente possuía em seu leque" (AMANAJÁS, 2014, p. 14 apud OLIVEIRA, 2016). Sua atuação, que contava com características do *clown*, da comédia *stand up* e do canto, permaneceu como a única forma de arte *drag* existente na época.

O século XX foi palco de uma série de mudanças e acontecimentos de cunho global em diversos âmbitos das relações sociais, políticas e artísticas, além de, consequentemente, as performances *drag*, principalmente no Ocidente. Tais transformações foram mais acentuadas, especialmente, no campo da reinvindicação de direitos sociais, guiadas por ideais de equidade entre os sexos e por maiores liberdades individuais. No que tange à comunidade LGBT, buscou-se intensivamente

o fim das restrições legais aos relacionamentos homossexuais (AMANJÁS, 2014, p. 15 apud OLIVEIRA, 2016, p. 24).

Dessa forma, as relações entre a comunidade LGBT e as *drag queens* se estreitaram mediante a formação de diversos movimentos de luta sociopolítica, ao passo que enfrentaram bastante resistência por parte das forças opositoras que buscavam limitar a liberdade de expressão destes grupos. A título de exemplificação, cabe citar o caso das revoltas de Stonewall, que ocorreu em Nova Iorque em junho de 1969. Zervigon (2004, p. 90, tradução nossa apud OLIVEIRA, 2016, p. 25) argumenta que as *drag queens* foram bastante ativas durante esse período tanto em oposição a medidas e ideologias que limitavam sua liberdade de expressão, quanto em apoio aos homens gays "enrustidos" que constantemente negavam a si mesmos essa liberdade.

> Por algum tempo, nenhuma *drag* aceitaria que temáticas políticas fossem o centro de suas performances, uma vez que estar em *drag* era significado de diversão. Em meados dos anos 70, contudo, ser gay se tornou um ato político e, uma vez que ser artista é, em si, um ato político e social, mesmo que não intencional, a *drag queen* despontou como um dos maiores símbolos da luta pelos direitos gays (AMANAJÁS, 2014, p. 18).

Para Zervigon (2004), o episódio demarcou uma nova possibilidade de atuação dentro da performance *drag*. O que, de fato, nos permite estabelecer uma conexão deveras direta em com o caráter que as performances *drags* adquiriram no século XXI, especialmente no que diz respeito à manifestação política a partir de suas performances. A arte *drag* tornou-se mais do que uma forma de expressão artística, mas, sobretudo, um instrumento de luta por diversos pleitos e direitos. Atualmente, isto é perceptível nos trabalhos de muitos artistas *drags* que buscam questionar e resistir, de uma perspectiva mais ampla, aos diversos movimentos de caráter conservador que têm marcado a ordem global vigente, refletidos em grande parte na ascensão de movimentos neofascistas.

No almoço em questão, também pude contar sobre o processo de criação da personagem Solana e também sobre o processo de criação e a busca de identidade com a minha própria *drag queen*, Hissami. Me atentei em explicar como se tratam de processos diferentes, ao passo que a Solana é uma *drag queen* criada para o

espetáculo, enquanto a *drag queen* Hissami parte das minhas questões, experiências e inspirações exclusivamente pessoais.

Naquele semestre, dentro do grupo Berros, coordenado por Mara Leal, que também me orienta em minha pesquisa, foi desenvolvida a "BERROS: Revista de Artista", com a curadoria de Mara Leal e Marcelo Camargo. A revista se tratou de uma ação do grupo que convidou artistas para criar trabalhos de performances, reperformances e outras derivações para levar para a linguagem gráfica.

A ideia inicial para o meu trabalho era fazer um ensaio fotográfico com a coleção de roupas que o meu irmão, Murilo Tadashi, havia desenvolvido para o seu Trabalho de Conclusão de Curso em Design de Moda, que foi inspirado em nossa mãe, que inclusive foi a modelo para o ensaio fotográfico da coleção de meu irmão (Figuras 24 e 25). Porém a minha ideia acabou não dando certo, pois a coleção de roupas do meu irmão viria de São Paulo, mas o transporte poderia acabar as comprometendo. Diante desta inviabilidade, o meu plano B foi criar adereços com papel inspirados nos trabalhos de Bea Szenfeld[7], uma designer de moda sueca conhecida por usar papel em suas criações.

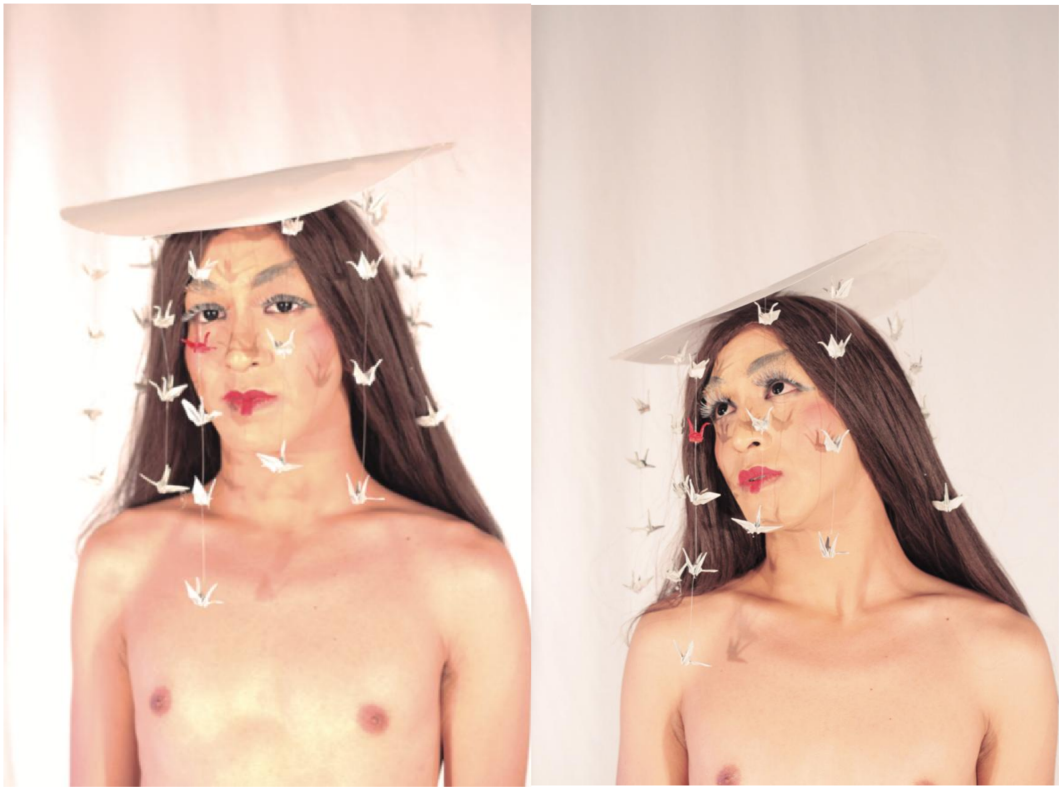
[7] Disponível em: <https://www.szenfeld.com>.

Figuras 24 e 25 – Foto do ensaio fotográfico do trabalho do meu irmão, Murilo Tadashi, onde nossa mãe, Emília, é a modelo.



Fonte: Registros feitos por Piero Davila, 2017.

Figuras 26 e 27 – "BERROS Revista de Artista".



Fonte: Registros feitos por Rubia Bernasci e Bruna Freitas, 2018.

O ensaio fotoperformativo aconteceu no dia 28 de Setembro com Rubia Bernasci e Bruna Freitas, que tiraram as fotos, e Mara Leal e Marcelo Camargo, que deram apoio na produção.

Figuras 28 e 29 – Mais de "BERROS Revista de Artista".





Fonte: Registros feitos por Rubia Bernasci e Bruna Freitas, 2018.

Pensar em um trabalho para a linguagem gráfica a partir da minha pesquisa com a *drag queen* foi uma interessante exploração de novos territórios e mesmo que eu não tenha conseguido realizar a ideia inicial de fazer o ensaio fotográfico com a coleção do trabalho do meu irmão, fiquei contente com o resultado e acredito que consegui, a partir da arte oriental da dobradura de papel, mostrar como as minhas origens asiáticas influenciam em meu trabalho como artista. Abaixo (Figuras 30, 31 e 32) compartilho algumas fotos do ensaio que acabaram não entrando para a revista.

Figuras 30, 31 e 32 – Fotos tiradas no dia do ensaio para a revista BERROS.





Fonte: Registros feitos por Rubia Bernasci e Bruna Freitas, 2018.

No mês de Outubro, o Coletivo Teatro de Viés fez uma parceria com uma boate da cidade de Uberlândia, chamada Clube F5, para realizar uma festa no dia 04 de Outubro no espaço da própria boate. Para a ocasião, o Coletivo Teatro de

Viés me convidou para performar como Hissami. Para minha performance[8], eu escolhi dublar a música *Do It Again*, uma parceria da dupla artística norueguesa Royksopp com a cantora sueca Robyn. Acredito que oportunidade foi um grande passo para minha pesquisa, pois pela primeira vez eu estava performando em uma boate. Além disso, desta vez eu senti mais segurança estando num lugar apropriado para uma performance, diferente da experiência que eu havia tido com o chão escorregadio na festa da Atlética das Artes, que havia acontecido em uma república universitária.

No final do semestre, no dia 14 de Dezembro, aconteceu no curso de Teatro o seminário de Pesquisas em Andamento, que marca a metade do processo de criação do Trabalho de Conclusão de Curso, em que cada estudante apresenta sobre o que está pesquisando e como está pesquisando para uma banca de professores, com o objetivo de ampliar a pesquisa em andamento. Para a ocasião, decidi preparar uma performance inspirada no videoclipe musical[9] *Pagan Poetry* da cantora islandesa Björk. Trata-se de uma música diferente das outras que eu já havia performado, pois esta canção em questão contém uma carga emocional bastante grande e transpor isso para a performance[10] foi o meu maior desafio. Na ocasião, estavam presentes as professoras Yaska Antunes e Renata Meira, que fizeram alguns apontamentos notadamente úteis: enquanto o comentário da professora Yaska Antunes se atentou à ocupação que fiz do espaço durante as minhas apresentações, a professora Renata Meira comentou “Quando você tira a peruca, a Hissami vai embora e o Vitor Matsuo volta!”, fato que eu nunca havia prestado atenção.

5. FESTA FEJÃO

Este ano de 2019 começou sendo um ano desafiador. Há um tempo, eu vinha acompanhando pelo *Instagram* a festa FEJÃO, que acontece mensalmente na cidade de São Paulo e é voltada para arte *drag*, em todas suas formas. A minha vontade de performar na festa era enorme e a próxima edição aconteceria no dia 25

---

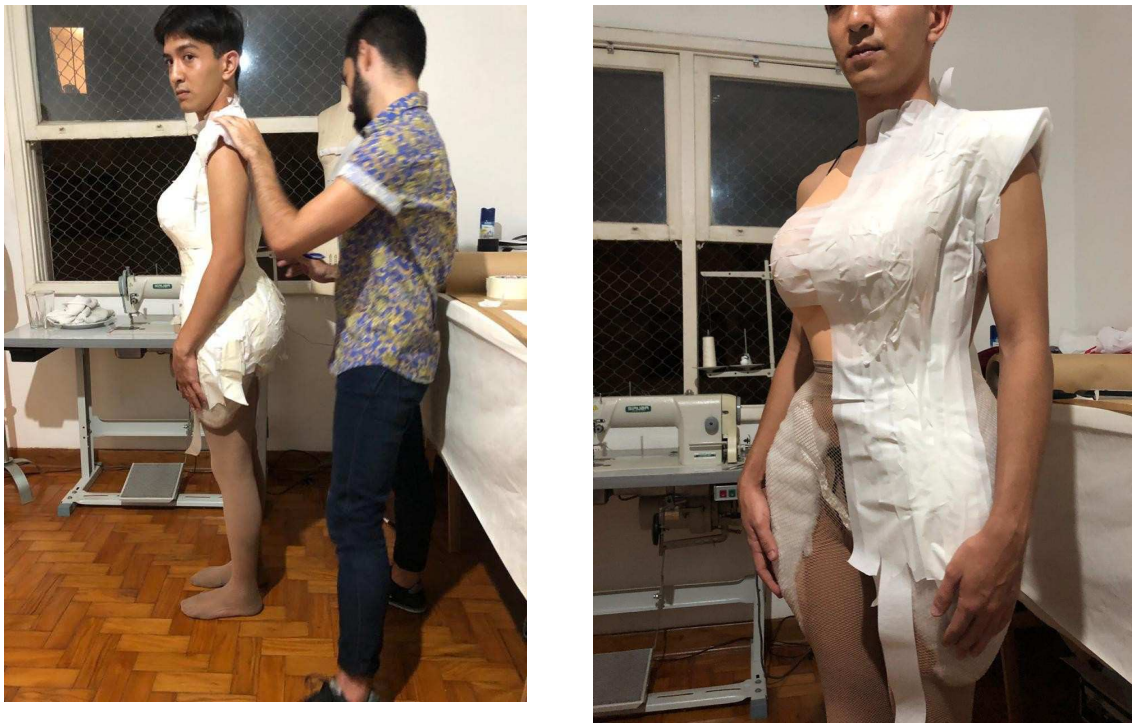
[8] Disponível em: <http://bit.ly/2Qd4h2H>.
[9] Disponível em: <http://bit.ly/2LY7sNw>.
[10] Disponível *em*: <http://bit.ly/2xboihG>.

de Janeiro e, coincidentemente, eu estaria em São Paulo neste período. Então, decidi “calçar a cara” e mandar mensagem para a organização da festa para saber quais os procedimentos necessários para que eu pudesse performar no evento. A resposta que recebi da equipe foi que era possível me encaixar, mas que não conseguiriam me pagar um cachê. Eu aceitei – e confesso que sequer sabia que pagavam cachê – e já comecei a me organizar para a festa.

O tema da festa era desenhos animados e a minha escolha foi me montar de Senhorita Bello, personagem da série de desenho animado norte-americano “As Meninas Superpoderosas”, conhecida por ter o rosto coberto por seus cabelos. A fantasia foi costurada pelo designer Kaio Martins, que usou o método de modelagem feito direto no meu corpo (Figuras 30 e 31), usando fita crepe. A personagem possui curvas bem acentuadas e por este motivo, foi preciso que eu usasse enchimentos feitos com espuma para que remetesse fielmente à sua imagem.

Para conseguir ficar com o rosto coberto, eu precisava deixar a peruca com bastante volume. Para isso, eu a customizei utilizando bobs para cabelo e depois fui desfazendo os cachos e penteando, na intenção de dar volume ao cabelo. Parte do processo está anexo em fotos abaixo (Figuras 32, 33 e 34).

Figura 30 e 31 – Fazendo a modelagem para a fantasia, já com os enchimentos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 32 – A peruca quando comprei.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 33 – A Peruca após enrolar os bobs.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 34 – Resultado final da Peruca, onde reparti ao meio para metade tampar o meu rosto.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

O motivo da personagem ter o rosto coberto foi um importante fator que pensei para usar em minha performance. Na nona temporada do *reality show* norte-

americano *Rupaul's Drag Race*, uma concorrente na hora de "dublar pela sua vida"[11] não sabe a letra da música e a mesma está usando uma máscara que cobre a sua boca durante a performance e se recusa a tirá-la, levando uma advertência da apresentadora Rupaul.

Na intenção de fazer uma performance[12] diferente, peguei somente o áudio da bronca que a concorrente leva -que acabou virando um bordão entre os fãs do r*eality* - e mixei junto com a música que eu escolhi para dublar, que foi "*Get Out My Way*", da cantora australiana Kylie Minogue. No início da performance, eu fiquei com o rosto coberto com a peruca com a música tocando até chegar o momento do áudio da Rupaul interrompendo tudo, quando eu tiro o cabelo do rosto e reinicio a performance normalmente.

Figura 35 – Registro feito no camarim da festa, antes da performance.



Fonte: Registro feito por Ivan Falcon, 2019.

[11] Tradução literal para "*lipsyn'c for your life*", termo usado pela *drag* quen Rupaul, apresentadora do *reality show*, na hora de anunciar as participantes que vão dublar para que seja decidido quem não será eliminada.

[12] Disponível em: <http://bit.ly/2XtdV7t>.

Figura 36 – Registro feito durante a performance, após descobrir o rosto.



Fonte: Registo feito por Ivan Falcon, 2019.

Digo que o ano começou desafiador porque pela primeira vez eu montei uma performance com produção completa e tendo um figurino próprio. Além disso, a performance seria realizada para uma plateia totalmente nova e em uma cidade grande, isto é, a capital de São Paulo. Nesta performance também pude aprender com o meu erro, uma vez que a minha peruca acabou desgrudando da minha cabeça em um dado momento da apresentação (pelo vídeo isto é perceptível), mesmo eu usando a cola própria para isso, porém era a minha primeira vez usando o produto. A partir desta experiência, ficarei mais atento na próxima vez eu for usar, já que irei esperar a cola secar no tempo correto. Mas apesar disso, consegui tirar proveito de tudo e me divertir muito com essa performance.

6. BAILE DAS QUEENS

No mês de Fevereiro, o Coletivo Teatro de Viés foi selecionado para apresentar o “Manifesto Teatral Pulse!” na 11º Bienal da UNE que aconteceu na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no dia 7 de Fevereiro, em Salvador (BA). Mais uma vez, foi grande prazer apresentar o espetáculo em mais uma cidade, ainda mais em uma grande capital como Salvador, mas o grande destaque desta

viagem foi a oportunidade de ter conhecido o bar Âncora do Marujo, templo do transformismo em Salvador. Nesta dia, pude ver apresentações de várias *drag queens* da cidade e fiquei encantado com o que vi. Desse encantamento, surgiu o desejo de criar uma noite de performances para *drag queens*, que tive a oportunidade de realizar no mês de junho na faculdade.

Depois da viagem, contei sobre a minha experiência no bar Âncora do Marujo em uma conversa no encontro do grupo BERROS. Também comentei sobre o meu desejo de criar uma noite voltada para apreciação de performances de *drag queens*, assim como tive a oportunidade de ver na capital baiana. Felizmente, o meu amigo Whander Allípio, também membro do grupo BERROS, "comprou" a minha ideia e decidimos criar juntos o grupo de experimentações na arte *drag,* que resultou no evento Baile das Queens[13], que aconteceu no dia 13 de Junho, no bloco de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Além da apresentação no bloco, fomos convidados para apresentar no sábado, dia 15 de Junho, no evento Sala Aberta, organizado pelo curso de Dança da UFU.

A partir da chamada que fizemos via grupo do Teatro na rede social *WhatsApp* e na rede social *Instagram*, conseguimos 7 integrantes para participar do nosso grupo, sendo eles 6 do curso de Teatro: Carlos Vicente (Carlotta Del Rey), Dennys Evangelista (Evangelista), Gustavo Martins (Le Gusta), Matheus Gotti (Máxima), Lucas Rios (La Luck Chang) e Matias Rios (Mirana); e Ediberto Rocha (Dandara), do curso de Letras.[14]

No período de um mês, nos encontramos às quintas-feiras com encontros que duravam por volta de uma hora e meia. Nestes encontros, focamos na preparação e estruturação do evento que denominaríamos como Baile da Queens. Nas primeiras semanas, como forma de exercitar a habilidade de dublagem, cada integrante do grupo levava uma música de sua preferência para apresentar para o restante do grupo, dublando sem maquiagem e sem adereços. Após todos se apresentarem, sentávamos em roda para comentar sobre o que foi apresentado, fazendo apontamentos sobre o que acharam interessante ou ainda sobre vícios que cada um possuía durante a dublagem, na intenção de auxiliar na construção da performance de cada um.

---

13 Disponível em: <http://bit.ly/2YodFnm>.

14 Os nomes entre entre parênteses se referem aos nomes das *drags* dos respectivos integrantes.

Quando cada um decidiu o que faria na noite da apresentação final, começamos a estruturar como seria o dia da apresentação em si. Vale ressaltar que nem todos os integrantes optaram pela dublagem, Lucas Rios (La Luck Chang), por exemplo, optou por fazer um número cantando ao vivo, enquanto o integrante Whander Allípio (Kukua) optou por fazer um número de dança. Um fato interessante sobre a estruturação do evento foi o papel da *hostess*[15], enquanto alguns se sentiam à vontade em pegar o microfone para apresentar, alguns já não se sentiam tão à vontade assim. Eu, por exemplo, fui uma das pessoas que, no início, não se sentia confortável para ocupar tal posição. Mas no final, acredito que pela intimidade que foi criada entre todos os integrantes do grupo, foi decidido que todos seriam *hostess* no dia do evento, sendo que cada *drag* apresentaria a outra.

No dia do evento, como eu estava à frente da organização juntamente com Whander Allípio, e precisava ter certeza de que tudo estava certo, acabei atrasando para começar a minha própria maquiagem. Somado a isso, eu não tive tempo para colar a minha peruca, que dessa vez acabou saindo da minha cabeça durante a minha apresentação. Mas apesar desse acidente, fiquei muito grato com o resultado da minha performance, em que dublei a música denominada *goods,* do projeto musical sueco iamamiwhoami. Essa música carrega um forte significado para mim, porque contém a frase "*change is always given to the searches who explore*"[16] que levo como forma de lema para a minha carreira como artista, sempre buscando explorar novos territórios com a minha *drag queen.* Ter tido a oportunidade de ter dublado essa música nessa ocasião certamente foi um grande marco em minha trajetória.

15 Termo utilizado para se referir à *drag queen* que vai apresentar/recepcionar o evento.
16 Tradução literal: "a mudança é sempre dada aos que exploram".

Figura 37 – Baile das Queens. Da esquerda para direita: Kukua, Dandara, Máxima, LaLuck Chang, Le Gusta e Evangelista. Em baixo, da esquerda para direita: Mirana, Carlotta Del Rey e Hissami.



Fonte: Registro feito por Felipe Borges, 2019.

De forma geral, fiquei muito grato com o resultado final. A entrega que todos tiveram para com o trabalho foi o que realmente fez tudo funcionar. Para saber mais sobre como foi a experiência para quem fez parte do grupo, pedi para que escrevessem relatos sobre como foi a experiência de cada um. Discorro sobre isso abaixo:

Matheus Gotti (Máxima), em seu relato sobre a sua, até então, recente experiência com a arte *drag*, ressalta que o grupo de experimentações foi, de fato, a primeira experiência que ele teve em investigar o universo *drag*. Segundo ele, o evento foi uma oportunidade para que ela pudesse conhecer mais sobre as outras *drags* envolvidas, e, sobretudo, conhecer sobre ela mesma. Sobre o Baile das Queens, em que ele performou, ele ainda ela acrescenta:

> Desde a maquiagem, a dublagem, os looks, tudo foi escolhido para que, de alguma forma, aquilo conversasse um pouco com a personalidade e imagem que cada drag passaria. E é muito interessante analisar quantas identidades foram criadas. E quantas mais poderiam ser". (GOTTI, entrevista pessoal, 2019)

Para ele, além de terem sido divertidíssimos, os encontros para a realização da noite *drag* foi muito enriquecedor e fabuloso. “Saímos pra comprar maquiagens, treinamos algumas vezes *lip sync*, maquiagem também, tivemos diálogos entre nós, compartilhando um pouco de quem somos. (...) Senti que houve uma boa conexão entre nós” (GOTTI, Entrevista Pessoal, 2019).

Ediberto Rocha (Dandara), relembra que as discussões começaram no dia 18 de abril. Ele, que ressalta os diferentes papéis que uma *drag* pode assumir, diz que o grupo discutiu os caminhos que esses artistas seguem, que não são necessariamente da vida noturna, como é o caso de Chandelly Kidman, uma *drag queen* brasileira que usa a sua arte para promover alegria em crianças hospitalizadas. Ao comentar sobre o processo pelo qual o grupo perpassou ao longo dos encontros, ele diz que a proposta de apresentar em uma festa do curso de dança apareceu como um despertador e um gás para que os participantes pudessem fazer uma culminância de uma pesquisa.

Outro ponto destacado por ele diz respeito ao estreitamento das relações entre os integrantes, que se deu principalmente na compra em conjunto das maquiagens, para além dos momentos de experimentações das mesmas. Segundo ele,

> (...) passamos a nos apoiar e entender que os momentos que tínhamos eram únicos e libertadores, pois nos dias atuais, encontrar pessoas que te acolhem e estão ali realizando o mesmo trabalho que você e possuem os mesmos objetivos é completamente difícil”. (ROCHA, entrevista pessoal, 2019).

A participante ainda lembra que período de preparação para o Baile das Queens foi de praticamente um mês.

> Finais de semana, horários tarde da noite e sacrifício de alguma coisa foram tomados por todos para que a grande noite fosse o mais impecável possível, demonstrado que o amor que tínhamos por essa arte era indescritível. A ajuda e parcerias foram fundamentais para o completo desenvolvimento da noite, portanto, equipe de som, iluminação e contra-regra foi necessário. Por fim, conseguimos a arte para divulgação e divulgamos incessantemente até o dia do grande evento”. (ROCHA, entrevista pessoal, 2019)

Quando o dia da apresentação chegou, todos possuíram apenas 3 horas para o início da apresentação. Embora tenha sido uma “correria extremamente grande”, nas palavras de Ediberto, “valeu a pena cada minuto de preparação”.

> Na minha perspectiva, chegar na frente de todo o público e ver os seus amigos reunidos em um canto dando todo o suporte, ver que os olhos deles estão brilhando de alegria pelo seu trabalho é extremamente gratificante e isso valeu todo sacrifício e toda correria que eu tive. Como artista, vejo que o trabalho foi rápido, porém a qualidade do produto foi enorme, ver amig@s drags que eu criei e observar o trabalho de cada uma com sua única estética e forma de fazer *drag* foi extremamente enriquecedor em termos de conhecimento. Já em termos de espectador, foi muito orgulhoso ver pessoas que estão ao seu lado crescendo e produzindo arte com todo gás que cada uma possui; ver as mensagens que são passadas pelos mínimos movimentos e/ou expressões realizadas durante a noite; cada detalhe pensado demonstra a complexidade dessa arte e o quão ela não é devidamente valorizada, pois o gasto envolvido para apenas 1 hora de apresentação nos esclarece melhor sobre entender a forma que é viver do dinheiro produzido por essa arte. O processo é grande, leva tempo, gasta dinheiro e ainda por cima não é devidamente reconhecido, visto que encontramos bastante drags que trabalham como DJ e dá impressão de que para você ser realmente reconhecido como *drag*, você deve encontrar outros caminhos sem ser pela própria arte pura" (EDIBERTO, entrevista pessoal, 2019).

Se sentindo deveras grato, Ediberto possui muitas expectativas para a elaboração de mais projetos como o grupo de experimentações na arte *drag*. Além disso, ela espera o acolhimento de cada vez mais pessoas. "O ato de acolher e se sentir pertencente a um grupo em que você se sente livre de tudo é inigualável. (...) Fazer drag é diversão, fazer drag é liberdade, fazer drag é resistência, fazer drag é política, fazer drag é arte" (EDIBERTO, entrevista pessoal, 2019).

Para Lucas Rios (LaLuck Chang), a sua participação no grupo também foi muito rica.

> Foi a primeira vez que eu me montei como drag queen e foi muito bom. Foi algo muito diferente para mim, apesar de sempre ter sonhado em fazer parte do mundo drag. Eu realmente me encontrei, tanto no quesito maquiagem, que é uma maquiagem mais diferente das outras. Foi realmente um desafio, nas primeiras vezes eu me senti bem mal por pensar que eu estava fazendo algo ruim, mas ao longo do processo eu entendi que não era algo ruim, era apenas diferente do comum" (RIOS, entrevista pessoal, 2019).

Ele reconhece que a arte drag é um processo constante e que existem várias coisas a melhorar. Inclusive, ele anda pesquisando várias coisas sobre essa arte e suas diversas formas de ser. Mas tem sido uma pesquisa muito enriquecedora tanto no campo pessoal quanto no âmbito acadêmico, pois "(...) para além de pesquisa, é um processo que acaba libertando a gente de algumas coisas. Eu me sinto outra pessoa depois de ter começado essa pesquisa" (RIOS, entrevista pessoal, 2019).

Para Matias Rios (Mirana), a sua participação no grupo de experimentação na arte *drag* permitiu que ela reformulasse a forma como ela lidava com tudo que esse processo envolve.

> (...) Eu tinha muito medo por achar que a *drag* não é pra qualquer um. E eu me sentia incapaz de construir alguma coisa em relação a tudo. Mas depois que o grupo começou, me ajudou muito mais a entender que não precisa ter neura de se sentir incapaz, ou de que você não pode fazer algo, porque você pode se divertir enquanto isso. É só se jogar, sem esperar muito, sem muita pressão" (RIOS, entrevista pessoal, 2019).

Segundo ele, o grupo foi o espaço em que ele teve a sua primeira experiência em maquiagem. "No decorrer, eu fui vendo que não precisava seguir uma regra de como você deve se maquiar. Vi que podia usar umas coisas dali, outras de cá, e foi assim que construí um caminho pra começar a me maquiar, mas sem esquecer que maquiagem é prática. Então não posso parar, mas sim me exercitar pra aprender muito mais do que consegui no grupo".

Para Matias, o grupo também serviu como um espaço para o reconhecimento e enaltecimento da individualidade de cada participante envolvido. Em sua experiência, ela notou que "(...) cada um tem a sua estética, as suas referências, o seu jeito de abordar a *drag* da sua forma" (RIOS, entrevista pessoal, 2019).

Ele ainda ressalta a iniciativa de ter se produzido um evento público para mostrar essa cultura que permite a participação de qualquer pessoa, independente de sexualidade ou gênero.

> E no final, quando chegou o Baile das Queens, que foi o evento que criamos para mostrar o que havíamos feito em 1 mês e meio, eu me montei e percebi que me sentia mais forte, mais dona de mim, do meu ser; é como se fosse uma espécie de *alter ego*, mas ainda sou eu ali, ainda me sinto eu. E isso é o que eu acho bacana, posso ser muito mais do que apenas eu, eu posso ser quem eu quiser, como eu quiser, da forma que eu quiser. Pra mim esse é um dos pontos altos no *drag*, você ainda está sendo você ali, apenas com algumas mudanças, mas você ainda está sendo incrível" (RIOS, entrevista pessoal, 2019).

Ele ainda ficou surpresa com a reação das pessoas sobre o evento e as apresentações, pois ela não esperava tamanha receptividade, o que tornou o processo muito gratificante.

Já Gustavo Martins (Le Gusta) relata,

> *Drag* pra mim é sobre se lançar, sobre ir sem medo, fazer, se permitir errar, falhar. Tão chato estar em um ambiente onde sempre estão buscando uma

> "suposta" perfeição ou ideal. Com as minhas performances *drag* eu não busco nenhum ideal ou perfeição, eu tenho umas ideias e quero executá-las, simplesmente isso. Tem também o fato de eu estar finalizando o curso de Teatro e sinto que finalizo de alma lavada, de consciência limpa, de que não quero me prender ao olhar do outro, quero estar conectado e concentrado naquilo que quero fazer e significa algo para mim" (MARTINS, entrevista pessoal, 2019).

Outro ponto destacado por ele, é a relação de sua *drag* com a de mãe, que veio a falecer em decorrência de um câncer.

> (...) Um dos porquês de fazer drag pra mim. Minha mãe faleceu em 2017, depois de lutar mais ou menos dez anos contra o câncer. Ela sempre foi essa figura forte pra mim, que representa a luta em estar vivo e todas as dificuldades que enfrentamos em nossa jornada na terra. Mais do que homenagear ela, eu quero aprender com ela a ser cada vez mais forte e capaz de enfrentar cada barreira" (MARTINS, entrevista pessoal, 2019).

Por fim, para Carlos Roberto, calouro do curso de Teatro da UFU, o grupo de experimentação serviu como o meio por meio do qual ele se sentiu capaz de compartilhar com mais pessoas o que ele já ansiava fazer há algum tempo. Ele confessa que inicialmente não sabia o que esperar do grupo, nem tampouco que sentia uma sensação de pertencimento. Porém, conforme os encontros foram acontecendo, as discussões se enriquecendo, e quando foi decidido fazer o Baile, que ainda não tinha nome nem estrutura, tudo começou a se encaixar.

> Começamos a pensar no que seria essa estrutura e também começamos a trazer músicas para dublar. Foi nesse momento que eu me distanciei de uma pessoa que gosta muito da arte *drag* para um pessoal que estava experimentando o que era essa arte. Dublar na frente dos meninos não foi fácil, tinha medo dos julgamentos, nunca tinha feito isso seriamente antes, mas ao mesmo tempo estava ansioso para saber o que achavam e receber as opiniões deles. Confesso que fiquei intimidado, pois a maioria deles arrasavam nas performances, mas isso me trazia um conforto também, porque estava rodeado de pessoas talentosas que poderiam me ajudar. Tentei absorver o máximo de informações e dicas que recebia, e isso foi muito valioso da construção da minha *drag*" (ROBERTO, entrevista pessoal, 2019).

Em relação à sensação de pertencimento em relação ao grupo, Carlos diz:

> (..)foi na ida até uma loja de maquiagens que percebi que fazia parte do grupo. Essa experiência de comprar as maquiagens junto de outras pessoas com o mesmo propósito foi sensacional. Nesse mesmo dia que fomos experimentar pela primeira vez, pelo menos pra mim, uma make *drag*. (...) E fazendo essas coisas, make, ensaios, produção, discussões, onde a gente estava sempre se ajudando a melhorar, é que aconteceu o grupo de experimentação na arte *drag*, ao meu ver. As dicas nas

> apresentações, a ajuda com maquiagens, figurino" (ROBERTO, entrevista pessoal, 2019).

Para ele, o dia do Baile das Queens foi incrível, pois

> (..)foi uma experiência que só fortaleceu a minha vontade de seguir fazendo essa arte que tento admiro. Receber os abraços dos meninos após a minha apresentação foi muito emocionante, dava pra ver que a gente conseguiu fazer um bom trabalho no tempo que tínhamos, e dava pra ver o orgulho no olho de cada um quando o outro se apresentava" (ROBERTO, entrevista pessoal, 2019).

Ele espera que o grupo não acabe e continue experimentando essa arte, pois, segundo ele, "sem o apoio dos meninos, não sei se iria tão longe quanto eu acho que fui em tão pouco tempo (...)" (ROBERTO, entrevista pessoal, 2019).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findando a minha trajetória acadêmica no curso de Teatro e analisando a evolução que ela me proporcionou em projetos dentro e fora da sala de aula, posso dizer que foi uma experiência muito enriquecedora viver os processos de criação da Hissami, a minha própria *drag queen*, e da Solana, a personagem *drag queen* que interpretei para o espetáculo "Manifesto Teatral PULSE!" e dos quais me despeço agora que estou prestes a concluir a minha graduação.

Com relação à personagem Solana, confesso que, quando iniciei o processo de sua criação e da preparação para interpretá-la, não imaginei que este processo me daria base para que eu pudesse, posteriormente, criar a minha própria *drag queen*. De fato, percebi uma evolução da personagem neste percurso e que, para mim, ficou mais perceptível através da maquiagem (Figura 38) e dos movimentos que executei em cena ao longo das performances que realizei. Considero que essa evolução pessoal e artística com a personagem só foi possível, em grande medida, pelas experiências e conhecimentos que vivenciei e adquiri por fazer parte do Coletivo Teatro de Viés, viajando e apresentando o espetáculo "Manifesto Teatral Pulse". Serei eternamente grato ao Rafael Lorran por ter confiado a personagem a mim e, claramente, a todos os membros do coletivo, com quem compartilhei tantos aprendizados.

Figura 38 – Registro após terminar a maquiagem no dia da apresentação na cidade de Monte Carmelo – MG.[17]



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

[17] A titulo de comparação a partir do que foi dito sobre evolução da minha maquiagem com a personagem Solana, é possível ver a diferença da maquiagem para com o primeiro dia de apresentação do espetáculo conforme mostra Figura 7 localizada na página 12.

Figura 39 – Em cena, durante a apresentação do espetáculo "Manifesto Teatral Pulse", na cidade de Monte Carmelo – MG. (29/05/2019)



Fonte: Registro feito por Rafael Rodini, 2019.

Por fim, com relação à minha *drag queen*, Hissami, desde que fui apresentado ao mundo *drag*, esta arte me proporcionou novas formas de perceber o mundo ao meu redor. Foi colocando pra fora a *drag* que existia em mim que encontrei uma nova forma de me expressar e de me apresentar para o mundo. Se tornou a forma pela qual eu coloco em prática tudo o que aprendi durante a minha trajetória na graduação em Teatro.

Além disso, a Hissami torna possível a aplicação de todas as referências que carrego enquanto artista, seja no que diz respeito a moda, música ou arte. É sempre um desafio enorme me montar, pois além de levar horas para realizar uma montação completa, é preciso envolver todo o meu ser e os meus sentimentos para que seja possível me conectar com as pessoas durante uma performance, por exemplo. Não é um processo fácil, e para torná-lo possível, é preciso dedicação e ser verdadeiro consigo mesmo, respeitando os meus limites e sentimentos.

8. LINKS

Abaixo constam os links para se ter acesso às performances mencionadas ao longo do trabalho.

1. Experimentações publicadas na rede social *Instagram*. 25 de fevereiro de 2018. Uberlândia. Disponíveis em: <http://bit.ly/2VBgBjr> e <http://bit.ly/2Q4nxj2>.

2. Festa “Fiz Artes e Agora?”. 18 de Março de 2018. Uberlândia. Disponível em: <http://bit.ly/2w8HxrJ>.

3. Conclusão das componentes curriculares Metodolologia de Pesquisa e Pesquisa em Artes Cênicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). 22 de Junho de 2018. Uberlândia. Disponível em: <http://bit.ly/2wiJthr>.

4. Festa temática dos anos 80 do D.A. Grande Otelo. 15 de Agosto de 2018. Uberlândia. Pequeno trecho da performance disponível em: <http://bit.ly/2JSEpIm>.

5. Festa promovida pelo Coletivo Teatro de Viés. 04 de Outubro de 2018. Uberlândia. Disponível *em*: <http://bit.ly/2Qd4h2H>.

6. Seminária de Pesquisa em Andamento. 14 de Dezembro de 2018. Uberlândia. Disponível *em*: <http://bit.ly/2xboihG>.

7. Festa “FEJÃO – Tema: Desenhos Animados”. 25 de Janeiro de 2019. São Paulo. Disponível em: <http://bit.ly/2XtdV7t>.

8. Evento “Baile das Queen”. 13 de Junho de 2019. Uberlândia. Disponível em: <http://bit.ly/2YodFnm>.

9. REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, Igor. **Drag Queen**: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. Dissertação de Mestrado no curso de Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas. 2014.

BAKER, Roger. **Drag: a History of Female Impersonation in the Performing Arts.** Nova Iorque: New York University Press, 1994.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 4a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DRAG-SE. **YouTube**. 15 Set. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=drag-se>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

LUCY GARLAND. **YouTube**. 30. Mar. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC8Sl0zo1bK7kdPD7a5Edm6Q>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

LOURO, G. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

OLIVEIRA, Marco Antônio Galindo de. **Nascemos pelados e o resto é drag**: subversões de gênero a partir de RuPaul's Drag Race. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba. 2016.

ONLINEKYNE. **YouTube.** 09 Dez. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/onlinekyne/featured>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

VENCATO, A. **"Fervendo com as drags"**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina.124 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002.

ZERVIGON, A. **Drag Shows**: Drag Queens and Female Impersonators. In: SUMMERS, C. (ed). **The Queer Encyclopedia of Music, Dance & Musical Theater**. Jersey City: Cleis Press, 2004.